

# Geografia, Literatura e Imaginário: um saber para sensibilidade

*Valéria Cristina Pereira da Silva*

Universidade Federal de Goiás, Campus de Goiânia – Brasil

vpcsilva@hotmail.com

---

**Resumo:** A literatura e as outras artes são, a priori, fontes privilegiadas de acesso à cultura e ao imaginário social. A partir delas, também o espaço e o tempo descortinam-se como referências, através dos comportamentos, que, como ilustrações, emergem dos personagens, nas suas tramas variadas e surpreendentes. Assim, como emergem saberes, astúcias e alternativas poético-simbólicas. Um universo de sentido que possibilita penetrar o secreto e o invisível, do que mais profundamente podemos entender como realidade. A Literatura corresponde a uma parte fundamental do imaginário ontológico do mundo que nos cerca, é imaginação ativa (ação de imaginar) possibilidade de vislumbrar futuros alternativos, criar realidades totalmente novas e lugares ideais/desejados, até mesmo do passado. Consiste num meio, num fluxo, não necessariamente linear, entre o criar e o lembrar. Uma convergência entre vida, experiência e sensibilidade que amadurece sob o nome de Arte. A Arte detém o encantamento, é o espaço no qual, através da linguagem, a emoção transita e situa-se. emoção, imaginação, lembrança, percepção sutil e elaborada do universo que nos cerca! Poderia a Ciência e a Geografia, enquanto saber científico, obter da Arte mais do que uma fonte de pesquisa? Esse modo de olhar o mundo, de compreendê-lo, de reconstruí-lo e nele intervir, próprio da arte, sobretudo, da arte literária não poderia ser um método? Um saber sensível para estabelecermos os pressupostos de uma Geografia Poética, como existe uma poética do espaço, como bem escreveu Bachelard (2000). Propor questões, lançar perspectivas, incentivar a interlocução entre Geografia e Arte, e investigar a construção da emergência da sensibilidade são os objetivos deste texto.

**Palavras-chave:** Geografia. Literatura. Imaginário. Sensibilidade.

**Résumé:** La littérature et les autres arts sont, a priori, sources privilégiées d'accès à la culture et à l'imaginaire social. À partir de celle-ci aussi l'espace et le temps peuvent se dévoiler par des références sur un lieu, une époque, sur des comportements qui, comme des illustrations, émergent des personnages dans des trames diverses et surprenantes. C'est ainsi qu'émergent des savoirs, des ruses et des alternatives poético-symboliques. Un univers de sens qui rend possible de pénétrer le secret et l'invisible plus profondément que nous ne pourrions le comprendre comme réalité. La littérature correspond à une part fondamentale de l'imaginaire ontologique du monde qui nous entoure, elle est imagination active (action d'imaginer), possibilité d'envisager des futurs alternatifs, de créer des réalités totalement nouvelles et des lieux idéaux/désirés même dans le passé. Cela consiste en un milieu, en un flux, pas nécessairement linéaire, entre la création et le souvenir. Une convergence entre vie, expérience et sensibilité qui mûrit sous le nom d'Art. L'art détient l'enchantement, elle est l'espace dans lequel, par le biais du langage, l'émotion transite et se situe. émotion, imagination, souvenir, perception subtile et élaborée de l'univers qui nous entoure: La Science et la Géographie pourraient-elles, en tant que savoir scientifique, obtenir de l'art plus qu'une source d'étude? Cette façon de regarder le monde, de le comprendre, de le reconstruire et d'intervenir en lui, propre de l'art, surtout de la littérature, ne pourrait-elle pas être une méthode? Il peut exister une Géographie Poétique de la même façon qu'il existe une poétique géographique ou comme l'a écrit Bachelard une poétique de l'espace. Poser ces questions, lancer ces perspectives, inciter au dialogue et à l'échange entre la géographie et l'art et la construction d'un savoir sensible, tel est l'objectif central de ce texte. Penser une science littérisée est le défi que nous proposons.

**Mots-clés:** Géographie. Littérature. Imaginaire. Sensibilité.

**Abstract:** Literature and other arts are, a priori, a privileged access source to the culture and to social imaginary. From her, space and time can too find out at references about a place, an age, the comportamental aspects when, like illustrations, its emerges from personages, at their diversities and amazing plots. Like this, emerge knowledges, astuteness and poetics-simibolical alternatives. A universe meaning when possibilites to penetrate in the secret and the invisible of that we can understand like reality Literature is like a fundamental piece ontologic imaginary of the world that are at contours us. It is an active imagination (the imagine action) that possibility them see some futures alternatives, to build all new realities and places ideal/wished, even of the past. Consist in a way, a flux, not necessarily linear, between the create and the remember. A convergence among life, experience and sensibility that ripening under name of Art. The art has the enchantment, is space in which the emotion figures and transit, through language. emotion, imagination, memory, subtle and elaborate perception of the universe around us! Could science and geography, while scientific knowledge, get from art more than a research source? This way of looking at the world, to understand it, rebuild it and intervene at them, typical of the art, specially at literary art, could not be a method? There may be both a Poetic Geography, as there is a geographical or poetic as well wrote Bachelard (2000), a space poetics. Propose issues, launch perspectives, encourage the dialogue and the interlocution between Geography and Art and the construction of a sensitive knowledge is the main objective of this text. Think a science literaturized is the challenge we set ourselves.

**Keywords:** Geography. Literature. Imaginary. Sensibility.

---

## Introdução

Geografia, Literatura, e o quadro variado das Artes Visuais, assim como o Cinema são campos que, contemporaneamente, tem-se entrecruzado na perspectiva de uma leitura cultural do espaço-tempo, onde uma nova ideia de sensibilidade interpretativa tem emergido. Contudo, será que os esforços até aqui tem sido suficientes para “borrar” e ultrapassar as fronteiras que separam esses saberes, Ciência e Arte? Como poderemos superar, por exemplo, o uso da literatura como simples fonte? Quantas portas ainda necessitam ser abertas para que Geografia, Literatura e as demais Artes possam integrar uma forma de conhecimento que nos mova de fora para dentro do sentido das obras? As qualidades artísticas da obra de arte, nas suas mais elevadas sensibilidades, podem provocar uma reviravolta na leitura simbólica do mundo? Que instrumentos temos para tal empreendimento? Esse texto tem mais o propósito de colocar perguntas, mesmo que as respostas não venham prontamente, porque também dependem tais respostas dependem de um fazer coletivo; buscamos iluminar caminhos possíveis e perspectivas mais profícuas para unir esses campos de conhecimentos, sem hierarquias e sem sobreposições.

Um primeiro exercício na consolidação da perspectiva teórica que nos ajude a cimentar este trajeto é romper a linha imaginária que separa um conhecimento e outro, ou seja, diluir a fronteira. Onde termina a Arte e começa a Geografia e vice versa pode não fazer sentido, sobretudo, quando colocamos uma questão a priori: Porque escolhemos a Arte para pensar a Geografia?

A esta última pergunta, colocada aqui, arriscamos dizer que fizemos uma escolha ante o pensamento saturado de um racionalismo progressista e finalista que se esgotou, decidimos, então, propor novas abordagens e abrir espaço ante o vazio deixado pelo percurso finalista da modernidade. Com o esgotamento das vanguardas, ensaiamos uma perspectiva no que se denomina de pós-vanguarda. Nessa construção, mudança paradigmática é tônica deste percurso.

Antes que outras questões surjam, uma pergunta ainda fecha essa introdução: que literatura, por exemplo, serve para fazer Geografia? Arriscamos dizer que toda literatura pode servir para fazer Geografia, sobretudo, quando buscamos o espaço no seu tempo pois, o complexo texto literário contemporâneo multifacetado, rizomático do século XXI pode ser primordial para se pensar a Geografia Contemporânea e o mesmo poder ser aplicado para as artes visuais, o cinema, a música, a dança, o teatro e ainda a fluida e emblemática imagem da arquitetura atual que constitui-se de imagens e temporalidades múltiplas. Todo esse conjunto contém o imaginário contemporâneo. Desse modo, esse trabalho tem a intenção de apresentar a contribuição de G Bachelard e os estudos do imaginário para esta interface entre Geografia e Arte, sobretudo no que corresponde à Literatura.

### **A metafísica da imaginação de Gaston Bachelard: uma contribuição para o saber sensível**

Ao trazer a imagem para a construção de um saber sensível, buscamos-la no sentido da alquimia, não como a arte da transmutação ou uma pré-química, mas como uma operação simbólica para penetrar no sentido secreto da imaginação (contos, lendas, mitos, literatura, narrativa, imagens diversas presentes na Arte) nas quais se encontram as perpétuas transformações da alma, do destino e da criação, como descrevem Chevalier & Gheerbrant (2001, p.38-39). Bachelard que foi químico e físico, filósofo de uma razão que se opõe a tradição cartesiana, foi também um metafísico da imaginação ou ainda um alquimista do imaginário. Sua contribuição que ultrapassa saberes (ciência, filosofia, arte, literatura) é de extrema atualidade no pensamento contemporâneo. Na Geografia sua

contribuição vincula-se a diversas dimensões ligadas ao espaço e à paisagem, como o conceito de imaginação material elaborado por Bachelard tangencia sensivelmente o espaço. Espaço este, destacado por um homem envolto em sua geografia campestre/rural da região da Champagne. Como afirma Pessanha (1985) trata-se de um peculiaríssimo “estilo filosófico rural” onde o espaço, o lugar e a paisagem constituem na base das experiências a serem colhidas. O pensador que cunhou o conceito de topofilia tem na casa, no lugar, sobretudo, numa casa da Champagne, uma experiência extraordinária do desabrochar da imaginação, da florescência da imagem e da sua dinâmica complexa que amadurece sob a forma de imaginário. O imaginário como bem definiu Bachelard (1993) são imagens da imaginação. Uma imaginação que se distingue absolutamente da memória, mas se conjuga com ela na tarefa de bem sonhar. O trajeto bachelardiano é do sensível ao inteligível, de um polo a outro trabalha o que ele denomina de matéria diurna – o reino dos conceitos – e a matéria noturna – o reino da imaginação. A sensibilidade bachelardiana divorcia-se também da tradição empirista herdada de Francis Bacon, trata-se de uma sensibilidade outra, advinda da linhagem romântica alemã, principalmente na herança imaginal de Novalis, como apresenta os estudos de Pessanha (1985). Perscruta uma imaginação profunda, lá onde a razão da modernidade jamais ousaria penetrar. Uma filosofia da imaginação dobrada sobre ela mesma. Uma viagem onírica e alquímica ao reino no devaneio – o sonho acordado – no qual uma imagem se converte em outra, uma imagem puxa a outra e nos conduz ao reino das palavras. Compreender Bachelard é mergulhar no reino da poesia e das artes. É adentrar o mundo da poesia revestido de uma sensibilidade que busca refletir o seu lustre de possíveis. Bachelard (1993,1997) vai fundo no que denomina A imaginação material, escava o arquétipo, mas não se abstém de compreender a geração do totalmente novo. Retoma os elementos fundamentais que a filosofia e as ciências antigas, tal como a alquimia, colocaram como base para todas as coisas. Bachelard (2008a, 1997, 2001, 2008b, 2003, 1993, 1988) sucessivamente fora trabalhando as imagens do fogo, da água, do ar e da terra, para posteriormente transcender tudo isso nas suas últimas obras noturnas, dentre elas a Poética do Espaço e a Poética do Devaneio e a Chama de uma Vela. Para a Geografia a obra bachelardiana dedicada a imaginação é uma porta aberta para fusão Geografia, Arte e Literatura uma contribuição irretocável a nós colocada como possibilidade.

Muitas das imagens que o filósofo-poeta colhera faziam parte, do que ele chamou de complexo de cultura composto, sobretudo, pela poesia, pela literatura, mas também pelo mito, pela religião, pela arte de modo geral. Uma perspectiva sintética e sincrética

da imagens do mundo: o homem que sonha é um visionário além a apresentar um interessante feixe de experiências que nos serve de base para novas explorações no campo do imaginário. Principalmente o imaginário do nosso tempo tão cheio de relações e referências, imerso numa sensibilidade outra ainda pouco explorada.

O filósofo da topoanálise, da ritmanálise, da psicologia das profundidades e da fenomenologia da imagem que se coloca como simples psicólogo de livros, não de autores, mergulha na poesia vista como destino da palavra, e abre o porvir da linguagem, Bachelard (1988). O devaneio, a imagem e a palavra estão ligados na tessitura do imaginário – a verdadeira imagem, nesta perspectiva, não é aquela que se vê, mas a que se sente, com todos os sentidos - o filósofo poeta conduzido ao labirinto da natureza íntima das coisas, entrega-se a felicidade do devaneios. A estética é um reino em que a obra instala-se e o sonhador de palavras, solitário e feliz na sua galeria, submete-se ao exame onírico, chega a descer aos mistérios do gênero, presente nas alegorias da linguagem. Sonha com os nomes, penetra na cosmologia falada até a precipitação do seu significado. Trata a matéria com uma fluidez imensa, o modo como fluidifica a poesia vendo-a como o rio da linguagem é exemplar. O seu rio imaginário onde as palavras não só escorrem, mas transcorrem no seu ciclo infinito. Na trilha do imaginário bachelardiano cada elemento detém um profundo conteúdo estético. No contato com o mundo através das mãos, uma geografia sensível do mundo, onde a imaginação tateia! Numa citação de Baudelaire afirma: “quanto mais a matéria é em aparência, positiva e sólida, mais sutil e laborioso é o trabalho da imaginação” (1993, p.02). Essa relação entre imaginação, percepção e memória, tão importante na sensibilidade contemporânea é o ponto fundamental que buscaremos para explorar as possibilidades do trânsito reflexivo entre geografia e literatura.

### **O imaginário: em busca de imagens imaginadas**

Nesse tripé relacional (imaginação, percepção e memória) a função de irreal é, na filosofia bachelardiana, uma essência da literatura – a capacidade e surpreender e ao mesmo tempo conservar sabedorias míticas – e, como foi destacado pelo filósofo, tão importante ou mais que a função de real. Essa função do irreal apresenta-se com fluidez, com que, por vezes, integra a realidade e, essa, é uma questão-chave naquilo que denominamos sensibilidade contemporânea. O irreal figura como uma dimensão profunda da realidade. Uma imagem literária diz o que nunca será imaginado duas vezes.

Devemos habitar as imagens novas presentes na literatura *linha por linha*, pois elas dão acesso a mundos não apenas recontados, mas mundos possíveis como afirma (Bahcelard, 2008b). Desse modo, reanimar uma linguagem, criando novas imagens é a função da literatura e da poesia, em última instância de toda arte. Toda imagem literária nova é *um texto original* da linguagem. Há zonas em que a literatura revela-se como uma explosão da linguagem – em química, explica o filósofo, uma explosão é prevista quando a probabilidade de ramificações multiplica-se. A poesia faz o sentido da palavra ramificar-se, envolvendo-a numa atmosfera de imagens. Por exemplo, numa poesia fantástica e carregada de liberdade como o surrealismo, a linguagem está em plena ramificação. Através da sobreposição de sentidos, a linguagem emerge no posto de comando da imaginação. A produção do encantamento é outra função da imaginação, tão negligenciada no mundo moderno, Bachelard (2008 b,) destaca que há uma grande diferença entre uma imagem literária que descreve uma beleza já realizada, uma beleza que encontrou sua plena forma, e uma imagem literária que trabalha o mistério da matéria e quer mais sugerir do que descrever, traça contornos do espaço afetivo no interior das coisas. Esse modo de trilhar, bachelardiano, vai pouco à pouco constituindo-se uma filosofia da imagem literária, que ajuda a desvendá-la, porque busca ver o invisível, apalpar o grão das substâncias. Valoriza extratos, tinturas, vai ao fundo das coisas, em busca de uma imagem final, do repouso de imaginar. O modo como a filosofia da imaginação em Bachelard (2003, 2008 b) “tateia” o mundo através da literatura e traz para nós modos de se relacionar com a imaginação, fenomenologicamente diluída no processo de apreensão, a não separação sujeito e objeto.

A imaginação tem um poder imenso e num tempo gasto, monótono a imaginação pode de engendrar uma nova era, criar um “ísmo”, para dar continuidade a marcha do tempo. Nesta orientação, seguindo o percurso bachelardiano: a imaginação “dá a partida” da realidade, como dá a partida da imagem. Mas onde encontramos a partida da imaginação?

O Bachelard *noturno* dedicado ao estudo da imaginação, fundamentalmente da imaginação literária, teceu uma filosofia que se ocupa dessa imagem, lapidando nela o mistério da matéria, suas tramas simbólicas, hermenêuticas, míticas. Para ele a literatura revela-se como uma *explosão* da linguagem, move sentidos e cria canais que não são racionalmente lógicos, mas plenamente possíveis, plenos de sentido.

Essa ideia de *explosão da linguagem* nos é muito útil para compreender a convergência contemporânea que multiplica os sentido da linguagem em um texto - a complexa teia de relações e ramificações funde-se de modo não-linear. Em *A Terra e os*

*devaneios da vontade* (2008b) por exemplo, o autor toma a imagem do Cristal para trabalhar a síntese extraordinária entre imagens, a correspondência imaginária entre aquilo que tocamos e aquilo que somente vemos, como na unidade do devaneio *constelante e do devaneio cristalino*:

...mostraremos que é possível tratar o mesmo objeto, o mesmo cristal, de uma maneira terrestre e de uma maneira aérea...As gemas são estrelas da terra. As estrelas são os diamantes do céu. Há uma terra no firmamento; há um céu dentro da terra. Mas não compreenderemos essa correspondência se virmos nela apenas um simbolismo abstrato... 'as pedras preciosas são destinadas a representar em ponto menor o brilho dos astros, por sua finura e sua duração'. Nessa correspondência, seja real, seja simbólica, pode-se captar o valor sintético da imagem. Encerrar a luz é preparar caminho para vida...(BACHELARD, 2008b, p. 230-231).

Bachelard (2008b, p. 252) esclarece que a imaginação faz sua obra longe de todas as funções da vigilância, seja essa vigilância da razão, da experiência ou do gosto. Ao tomar o exemplo da crítica literária, o autor afirma que esta não deve ter por função *racionalizar* a literatura e para estar à altura da imaginação literária, deve estudar tanto a expressão *exuberante* quanto a expressão *contida*. Sem considerar essas duas leis dinâmicas, a crítica literária, segundo Bachelard (2008b), pode ser inoportuna em seus juízos. Embora ela deva conhecer os excessos de expressão delirante, quando houver.

Ou seja, é preciso equilibrar o modo como habitamos uma obra de arte e como nos posicionamos relacionalmente diante, sobretudo, da obra literária. Bachelard (2008 b,) também colabora para análise sensível da obra de arte introduzindo a perspectiva da *Ritmanálise* que consistiria no modo de viver as grandes imagens em que o poeta conseguiu inserir uma contenção na exuberância, ou ainda, uma suprema felicidade, um ímpeto novo numa imagem apagada, uma vida nova numa imagem adormecida na linguagem. Assim, é preciso ater-se ao ritmo ondulante das ambivalências, dos deslocamentos de um polo a outro, do tempo pensado sobre o tempo vivido. Uma dialética da imensidão e da intimidade que remete a uma ação sincronizante sobre os tempos superpostos. A ritmanálise fora trabalhada por Bachelard tanto na sua matéria diurna, quanto noturna. Na dialética da duração, Bachelard (1994) aborda a ritmanálise sob três pontos de vista: o material, o biológico e o psicológico. Mas é sobre este último tópico que a ritmanálise constitui-se como uma noção importante para pensar a relação com a obra de arte. A ritmanálise pressupõe um atitude contemplativa da obra de arte. *Ritmanálise* é imersão numa infância eterna do ponto de vista criativo e opõe-se a psicanálise. É uma *doutrina*, nas palavras de Bachelard, da infância reencontrada, sempre

possível, abrindo diante de nós um porvir indefinido. Desenha-se assim, um método de *deshumbramento sistemático* que reencontra olhos maravilhados para ver espetáculos familiares. O encantamento é lançar os sentidos com ímpeto sobre o maravilhoso e o mistério do desconhecido que há nele. Uma poesia não oferece todo seu encanto quando nos limitamos a declamá-la, a situa-la. As ideias de uma poesia cantam, tem seus acentos próprios que suscitam sentidos em nosso ser profundo. Imagens sucedem imagens na superposição das diversas interpretações e nos permite perceber o que pode ser um estado lírico. A associação de ideias vem substituir a dissociação sempre recorrente das interpretações. A poesia liberta das amarras habituais da razão detém a própria chave para ritmanalizar (Bachelard, 1994). Muito do que pode significar a ritmanálise ainda precisa ser estudado, sobretudo, como um instrumental metodológico possível no quadro de um saber para a sensibilidade. A crítica intelectualista da poesia, na visão bachelardiana, jamais conduziria ao lugar onde se formam as imagens poéticas.

Essa compreensão, recai no campo estético - o imaginário interfere no modo como sentimos: o bem, o belo, a verdade, habitam essas imagens, apresentam lições na opção pancalista bachelardiana: A vela que vigia numa noite é um símbolo de esperança, uma vela que brilha alto prepara sua lição moral – consciência e chama tem o mesmo destino – a consciência moral deve tornar-se chama branca “queimando as iniquidades que ela aloja”:

Que incrível exemplo de purificação ativa! E são as próprias impurezas que aniquilando-se, dão a luz pura. O mal é, assim, o alimento do bem. Na chama o filósofo reencontra um fenômeno-exemplo, um fenômeno do cosmos, exemplo de humanização... A chama purificada, purificante clareia o sonhador duas vezes: pelos olhos e pela alma. Aqui as metáforas são reais... (BACHELARD, 1989, p. 35).

O sonhador une o que vê ao que viu e ao que sente e sonha alquimicamente. Conhece a fusão da imaginação com a memória, tão necessária na compreensão de uma época que rompeu o fio do tempo linear, em função do turbilhão da memória. Uma imagem conecta-se a outra, ramifica-se, transmuta-se se em outra e engendra sentido, paradoxalmente, formando uma estranha unidade no inacabamento, na abertura. A liberdade da atividade imaginária em formar imagens mútuas, cujos valores são intercambiantes, é sublinhada:

Num dos pólos, a alma sonhante interessa-se por uma beleza imensa, sobretudo, por uma beleza familiar, pelo céu anil, pelo mar infinito, pela

floresta profunda – por uma floresta abstrata tão grande, tão incorporada na unidade misteriosa de seu ser que já não se veem as árvores. E a noite estrelada é tão vasta, tão rica em luz de estrelas, que, do mesmo modo já não se veem os astros. No outro pólo, a alma sonhante interessa-se por uma beleza excepcional, surpreendente... De um pólo a outro, há normalmente tamanha oposição que certas locuções se desmembram: a linguagem parece mudar de significação ou mudar de dimensão, mesmo quando a etimologia parece impor um vínculo indestrutível... (BACHELARD, 2008, p. 232-233).

Vemos nesses exemplos que a imaginação abre muitas portas de uma só vez! O escritor solitário em sua mansarda, que pode ser também o pesquisador-viajante é um criador e um contemplador de mundos. Podemos utilizar o mesmo procedimento? O que buscamos quando investigamos? A imaginação transporta o devaneio a toda parte. No limiar da poesia estão dois mundos: um que é e outro que pode ser.

### **Um saber para a sensibilidade**

Hoje, no início do séc. XXI, a emergência para um saber da sensibilidade parece insurgir na linha do horizonte da nossa época, tempo este dobrado sobre ele mesmo: modernidade/pós-modernidade. Diante da pluralidade paradigmática gritante que se desenhara das últimas décadas do século XX, para cá, na qual, às vezes, paradigmas nascem e morrem sem serem realmente conhecidos, talvez chegamos a uma condição pós-paradigmática em que a emergência da sensibilidade que nos atinge diretamente, permita-nos entrecruzar Ciência e Arte, Geografia e Literatura.

As palavras sensibilidade e sensível tem aparecido reiteradamente na produção acadêmica dos últimos anos, tanto em textos de autores nacionais como estrangeiros. Mas o que é sensibilidade nesta perspectiva contemporânea? A sensibilidade como síntese da percepção, une-se a formação do imaginário e da memória e suas dinâmicas próprias, para articular-se com tais conteúdos. Podemos, então, pensar que sensibilidade e seus termos derivados: sensível, sensual constituem a capacidade de pinçar uma realidade e aprofundar a compreensão dos seus sentidos. Quando chegamos num ponto excelente de articulação o percebido, o lembrando pode atar-se a ação criativa e independente do imaginário.

A lição sobre a sensibilidade que a poesia, enquanto *poiesis*, apresenta-nos – ação que continua e transforma o mundo, que une pensamento e matéria, o ser-devir ao espaço-tempo, fabricando o lúdico e o belo simultânea e artesanalmente – figura como possibilidade de ressignificação da sensibilidade, enquanto perspicácia sensorio-

cognoscitiva que nos permite apreender o mundo, ajudando a conhecer, lembrar e imaginar. A sensibilidade reorganiza as próprias dobras sobre as quais os sentidos cristalizam-se.

Na educação para a sensibilidade o cientista e o artista estão unidos e reunidos em torno dessas dimensões fenomenológicas que nossa consciência abarca. Imaginar, lembrar, perceber e criar, culminando num amplo e aprofundado processo de compreender a múltiplas realidades existentes.

### **Sobre o sensível: a aventura de uma ciência-arte**

Vamos examinar como o conceito de sensibilidade tem aparecido. Numa escala mais ampla, autores como Harvey (1992), Mafesoli (2004, 2008), Olalquiaga (1998), Coelho (2011), por exemplo, são autores que introduzem o termo *sensibilidade* para permitir uma compreensão do que seja a transformação da modernidade em pós-modernidade. Assim, sensibilidade é uma das palavras-chave para compreender o conteúdo reativo da pós-modernidade, assim como suas transformações.

Harvey (1992, p.19, 45, 49) delinea a transformação cultural da nossa época como uma mudança na *estrutura do sentimento*, uma notável mutação da *sensibilidade* e aborda tal mudança na estrutura da sensibilidade como linha divisória entre a modernidade e a pós-modernidade. Nessas grandes linhas alguns quadros referenciais podem ser mapeados: há uma ultrapassagem de perspectivismo, ou seja, emerge à consciência, que realidades radicalmente diferentes podem coexistir e se interpenetrar, sem se anularem. Os diversos campos de saber, e não apenas as delimitações científicas passam a convergir, assim como, as próprias fronteiras disciplinares não cessam de se deslocar, como bem afirmou Lyotard (2006, p.71). O que nos remete pessoalmente a pensar em Geografia e Arte, por exemplo, é ter distintos campos do saber com suas fronteiras borradas. Outro ponto fundamental nesse grande panorama é o papel que a linguagem, sobretudo a partir do relato, da narrativa passa ter nessa ultrapassagem perspectiva. Assim, igualmente, alguns dos instrumentos da linguagem revestem-se de um caráter metodológico que nos permitem adentrar a realidade atada pouco à pouco, ao que antes só era permitido apenas à ficção. Desse modo, metáfora, metonímia, intertextualidade, citação e metalinguagem são conceitos da ordem do dia para compreender o mundo em que vivemos. A própria ideia de texto tem uma ampliação semântica fabulosa. Por último, a forma como experimentamos, nos relacionamos e compreendemos *espaço e tempo* é o ponto culminante dessa nova sensibilidade emergente.

da.

Mafesoli (1994) apresenta as “formas sensíveis da vidas social” e o desafio do nosso tempo: como ligar o conhecimento, o social, a razão e os sentidos. Este sociólogo da pós-modernidade aposta numa *razão sensível* na qual o sensualismo, a pregnância do imaginário e a concepção de tempo marcada pelo presente solicitam sua urgência. Destaca a importância do lúdico em oposição ao racionalismo dominante e também um aspecto essencial na instauração da “razão sensível” cujo caráter é essencialmente geográfico: o modo como o lugar permite o elo social e o policulturalismo no território. Para Mafesoli (1994, 2008) o localismo é uma das principais marcas da nossa época e remete a um sentimento de inserção, de compartilhamento emocional e ainda a relação de proximidade que estabelecemos com a obra de arte é colaborativa do reencantamento do mundo. Nesse trajeto sensível, que caracteriza os desdobramentos da pós-modernidade, Mafesoli retoma Victor Hugo, para afirmar essa tônica do contemporâneo, pois, “nada detém uma ideia cujo tempo é chegado” (Mafesoli, 1994, p.33).

Olalquiaga (1998) reafirma o pós-modernismo como um estado de coisas e não uma ideologia estruturada. Destaca uma *sensibilidade vicária*, compreendendo isso, como uma predisposição coletiva para certas práticas culturais, *uma sensibilidade* em que a experiência é vivida indiretamente, através da intersecção de um terceiro elemento, por exemplo, o simulacro:

O que chamo de “sensibilidade vicária” é a impressão indireta dos acontecimentos pessoais que em geral se acredita sejam vivenciados diretamente – a sensação física por exemplo. Na experiência urbana contemporânea os sentimentos, as emoções e sensações são evocados mais efetivamente pelas imagens da mídia ou pelos simulacros high-tech do que pela exposição direta... a alta tecnologia induziu a uma confusão entre os limites espaciais e temporais, derrubando convenções que antes distinguiam a fantasia da realidade e criando um terceiro espaço cognitivo, assaz polêmico: o da simulação. (OLALQUIAGA, 1998, p.16-17).

Ao delinear o quadro das sensibilidades culturais contemporâneas, Olalquiaga (1998) esboça também o papel estruturador da linguagem e como a intertextualidade reorganiza a percepção, por exemplo, através do modo como os signos das paisagens fundem-se as narrativas ficcionais, literárias, midiáticas. Um mundo de imagens que podem, simultaneamente, estar ligado as memórias pessoais formando uma maneira de olhar as coisas que desenha a chamada sensibilidade pós-moderna.

Segundo Coelho (2011, p.20) *A sensibilidade atual* é definitivamente outra e não é mais a sensibilidade moderna, para onde quer que se olhe *a sensibilidade pós-moderna* faz-

se visível, estampa-se nas transformações no mundo e na vida, bem como, suas relações entre cultura e arte. E essa sensibilidade chamada por Coelho de pós-moderna, consiste, ou seja, é dotada de um conteúdo que devemos explorar com mais cuidado, mas que a princípio interfere no modo de pensar e sentir.

Para muitos, a sensibilidade é uma palavra-chave. São inúmeros os trabalhos produzidos nos últimos anos que tem empregado o termo de uma maneira afluyente para delimitar distinções no modo de ver, interpretar e sentir. Embora, a sensibilidade como uma perspicácia cognoscitiva-afetiva seja ainda *savoir-faire* pouco explorado. “Sensível”, então, é uma palavra que tem ressoado na ciência como uma espécie de superação ao estado de “*crise da razão*”, pois, nada mais oportuno do que o surgimento dessa palavra que começa a figurar no cenário acadêmico desdobrando-se e tornando-se um conceito.

Numa escala mais recortada alguns historiadores, como Pesavento (2004), já algum tempo iniciaram discussão da *História das Sensibilidades*, como desdobramento da História das Mentalidades. Pesavento (1999), por exemplo, apresenta que: analisar a cidade a partir de suas representações literárias, implica em conferir *sentidos* e resgatar *sensibilidades* do urbano. Cientistas diversos, por exemplo, antropólogos como Cenevacci (1998) afirmam que existe uma comunicação dialógica entre artefatos urbanos e a *sensibilidade* de um cidadão que elabora percursos absolutamente subjetivos e imprevisíveis. Para Hissa (2006), a ciência já não pode mais ser compreendida apenas como produto de uma razão dissociada de *sensibilidades*. Santos (2005) traça na busca da *razão sensível*, ou seja, a busca de um racionalismo poético que tem uma expressão pedagógica - a *educação da sensibilidade* - e propõe a revisão do cogito cartesiano para: “*sinto, logo existo; depois penso sobre...*”. Santos (2005, p.63) o complexo deriva de *complexus* - (tecido em latim) e significa composição/conciliação de contrários - uma dialética sem síntese que formaria essa perspectiva contemporânea. Do mesmo modo, Araújo (2008) propõe-se compreender os *sentidos* da *sensibilidade* e sua fruição no fenômeno do educar, no qual procura penetrar a polifonia dos sentidos anímicos do ser-sendo através da plasticidade policrômica das teias da poeticidade nas contexturas existenciais, imaginárias e simbólicas. Araújo (2008) apresenta uma linguagem ramificante para apresentar-nos todas as potencialidades de um saber Sensível. Os exemplos do modo como a sensibilidade tem se tornado um conceito pregnante poderia multiplicar-se aqui quilometricamente, pois, são inúmeros os empregos do termo, embora com filiações teórico-metodológicas distintas, mas que, de certo modo, configuram a possibilidade de rever/atingir uma realidade complexa.

Se nos aprofundarmos na própria significação de *sensibilidade* e o termos que lhe são correlatos chegamos até a raiz de origem grega PASKHO, que como afirma Leminsk (1987) dá origem à palavra *pathos* e, portanto, dá origem tanto as palavras “patético” ou patológico, quanto à palavra “paixão”, cujos significados, por fim, embora muito distintos nos seus resultados, referem-se ao sentir. Explorando mais as relações semânticas, a palavra *estética*, de acordo com Drurant (2000, p. 257), em sua acepção original e etimológica, significa sensação ou sentimento e, ou seja, interligando-se a ideia de sensibilidade perscrutada aqui. O próprio conceito de *estética* proposta por Guattari (1992) enquadra-se no significante do que chamamos de sensibilidade:

A potência estética do sentir, embora igual em direito às outras – potências de pensar filosoficamente, de conhecer cientificamente, de agir politicamente – talvez esteja em vias de ocupar uma posição privilegiada no seio dos agenciamentos coletivos de enunciação de nossa época. (GUATTARI, 1992, p. 130).

Pensar a sensibilidade, então, como uma perspicácia cognoscitiva-afetiva de elaborar/compreender, é reconhecer em parte que ela começa pelos sentidos, pela forma de perceber, e vai somando-se a conteúdos sócio-culturais/espaço-temporais, entre outros. Compreender como os diferentes campos do pensamento, da ação, da cultura, da arte, da poesia inter cruzam-se, inscrevem também uma *nova sensibilidade*, pois, posicionando de modo dessemelhante seu movimento do infinito, distinto daquele que ao longo das épocas passadas fora forjado apenas por poetas e artistas em suas esferas restritas, essa *sensibilidade* pode agora estabelecer cruzamentos diversos, mudando e contaminando outros domínios, outros saberes transversalmente. Yunes (2003) observa que a formulação conceitual passa, cada vez mais, pela união entre o poético, o filosófico, o imaginário e a razão (para esta autora, aspectos antes cabíveis apenas na ficção) e, em muitos casos, as artes, a linguagem metafórica, agora, apresenta, na visão desta autora, imagens absolutamente indispensáveis à ciência para operacionalizar suas descobertas.

### **As artes do sensível e o saber**

Após esse preâmbulo que circunscreve o estado da arte de uma possibilidade da emergência da sensibilidade, vamos examinar as possibilidades de relação das artes no nosso tempo com o saber e o educar. A começar pela literatura, um dos mais difíceis campos para se investigar a tendências no mundo contemporâneo, impossível de ser inventariado dado a pluralidade com a qual emerge. Não há concordância como ela está

configurada nem mesmo entre o teóricos da literatura, como nos apresenta Connor (1993). Há dificuldades em se mapear tanto os rompimentos, como os rumos que a literatura tem tomado e isso já é uma nota nesse quadro geral. Contudo, vamos a partir de exemplos, tentar delinear um fio condutor. Connor (1993) afirma que mesmo sendo difícil mapear os percursos da literatura contemporânea, não significa isso, dizer que forças potentes ou inconscientes do tempo não atuem sobre a literatura e suas instituições, apenas, que este é um campo mais amplo. Por essa razão, também os próprios contornos do que seria o mundo pós-moderno nos estudos literários não são bem menos nítidos quanto em outros campos da cultura. Dentre os vários elementos que podemos identificar, sobretudo, a partir da contribuição analítica de Connor (1993), como ideia de colagem, a auto-reflexividade, a temporalidade, o inacabamento, a fragmentação gostaria de destacar dois pontos: primeiro a presença de um retorno a uma escrita que se pauta antes pela experiência do que pela forma e essa experiência é complexa, múltipla, capaz de penetrar o invisível, através dos sentidos, talvez uma experiência que ultrapasse ela mesma. Essa escrita seria mais aberta, porosa e permeável à vida. E segundo, destaco o rompimento das fronteiras entre os gêneros literários, dissolvendo-lhes as hierarquias, assim como, diluição das próprias fronteiras entre realidade e ficção, rumo à metaficção. Há uma exploração da condição da ficção que se reconhece e se reafirma, colocando toda a história como representação ou narrativa, ou seja, como uma espécie de literatura. Desse modo, amplia-se o valor da narrativa, uma vez que o mundo “real” transformou-se em literatura. Ao meu ver esses são os dois grandes eixos condutores para compreender o nova estrutura da sensibilidade na literatura. Se tomarmos como exemplo a narrativa de Ítalo Calvino, sobretudo, em duas obras: *Seis propostas para o próximo milênio* e *As cidades invisíveis*, vemos como a narrativa tem o seu papel ampliado, e adquire valores contemporâneos: como *leveza, rapidez, exatidão, visibilidade* e um dos mais esclarecedores, ao meu ver, é multiplicidade, para o qual, Calvino (1990) parece atribuir a essência da realidade na sua qualidade narrativa, um rolo, uma embrulhada, um aranzel, um novela:

Escolhi Gadda...sobretudo porque sua filosofia se casa muito com meu discurso, no sentido de que ele vê o mundo como um “sistema de sistemas”, em que cada sistema particular condiciona os demais e é condicionado por eles. Carlo Emílio Gadda durante toda a sua vida buscou representar o mundo como um rolo, uma embrulhada, um aranzel, sem jamais atenuar-lhe a complexidade inextricável – ou melhor dizendo, a presença simultânea dos elementos mais heterogêneos que concorrem para a determinação de cada evento. (CALVINO, 1990, p.121).

Cada objeto, nesta perspectiva, é visto como o centro de uma rede de relações, em que o escritor multiplica-lhes os detalhes. Ora, esse forma de escrita que privilegia a realidade como um rolo, um embrulhada no dizer de Calvino, podemos alinhá-la as teorias científicas da complexidade Morin (2006), a realidade vista como a imagem do rizoma Deleuze & Guatarri (1995), por exemplo. Explora o potencial semântico das palavras, toda variedade de formas verbais e sintáticas com suas conotações e coloridos, demarcando uma sensibilidade outra em que “conhecer é inserir algo no real, e portanto, deformar o real”... (CALVINO, 1990, p.123). A imaginação é o que continua a dar função à literatura cujo grande desafio é saber tecer o conjunto dos diversos saberes numa visão plural e multifacetada do mundo. Assim como na literatura, em outros campos artísticos essa convergência é apreensível, e abre um enorme campo de possibilidades. Ao delinear o emaranhado de relações que apresentam, que contém adentramos também o mundo simbólico.

### **Considerações Finais**

O tempo em que estamos requer uma outra sensibilidade para compreendê-lo. Explorar as relações entre a imaginação, a percepção e memória através dos conteúdos das artes, de modo geral, no fenômeno do educar constitui-se num modo de apreender a realidade em curso na sua multiplicidade de códigos, de temporalidades e mentalidades. As palavras chaves são sensibilidade, convergência, multiplicidade, complexidade, imaginação, sentidos e sensações. A não-linearidade do tempo e da narrativa, advinda da memória e do imaginário, assim como a complexidade, as dobras de um tempo em outro afetam os sentidos, modificando-os, provocando uma emoção ondulante a partir do contato com as diversas formas de artes e suas linguagens. O procedimento, porém, não é apenas contemplativo, mas de viver e habitar as obras, o tempo e o lugar dos personagens, adentrar nas múltiplas telas ontológicas e penetrar nos seus universos simbólicos com a intenção de ver além, compreender de uma maneira mais sutil as tramas do tempo em que estamos. Esta sensibilidade ampliada manifesta-se na literatura, no cinema, nas artes visuais entre outras. Nada é dado facilmente, na imensa quantidade e flutuância das obras contemporâneas, podemos buscar a densidade, complexidade dos conteúdos, aquelas que respondem ao desafio de retratar o contemporâneo. Educar para a sensibilidade é por em marcha uma percepção do mundo atual em sua significação que

permita vislumbrar, mas do que conhecer-lhes as questões também permitir criar e imaginar.

## Referências

ARAÚJO, Miguel Almir de. *Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar*. Salvador: EDUFBA, 2008.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985.

\_\_\_\_\_ *A Chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_ *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_ *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_ *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

\_\_\_\_\_ *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_ *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_ *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_ *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_ *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BBC Brasil. Fotógrafo retrata paisagens turísticas pelo reflexo em bolhas. [S.l.]: 08 de setembro de 2011. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/09/110908\\_galeria\\_bolhas\\_rw.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/09/110908_galeria_bolhas_rw.shtml). Acessado em 30 de abril de 2013.

CHEVALLIER J. & CHEERBRANT A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2001.

COELHO, Teixeira. *Moderno pós-moderno*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_ *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação*. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARDOSO, Sérgio (et. al.) *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, 511 p,

da.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, 229.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas – SP: Papius, 1991.

DELEUZE & GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995, vol. 1.

DURANT, Will. *História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: ed.34, 1992.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: perspectiva, 2009.

LEMINSK, Paulo. Poesia a paixão da linguagem. In: CARDOSO, Sérgio et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 283-306.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MAFESOLI, Michel. *O lugar faz o elo: notas sobre a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Territórios e policulturalismo. In: CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO, 13, 2004. Recife. *Anais*. Recife 2004.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

OLALQUIAGA, Celeste. *Megalópolis: sensibilidades culturais contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1998, 144p.

PESAVENTO, Sandra Jatay. “Sensibilidade no tempo, tempo das sensibilidades” In: *Colóquio Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, n. 04, 2004. Disponível em <http://nuvomundo.revue.org/documento229.html>. Acesso em 25 de março de 2008.

\_\_\_\_\_. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1999, 393 p.

PESSANHA, J. Américo Motta. Introdução – Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985, p. 05-31

NAVES, Rodrigo. Mona Lisa no meio do redemoinho. In: Revista Novos Estudos. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), n. 67. nov. 2003. p. 143-154. Acessado em 15 de março de 2013. Disponível em <http://novosestudos.uol.com.br/indice/indice.asp?idEdicao=101>.

PALHARES, Taisa. Texto de apresentação da exposição “Warm White” de Laura Vince. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2008.

PORTZAMPARC, Christian. A terceira era da cidade. Rev. *Óculum*, Campinas, n. 9, p. 40-49, 1992.

SANTOS, Marcos Ferreira. O espaço crepuscular: mitohermenêutica e jornada interpretativa em cidades históricas. In: PITTA, Danielle Perin Rocha (org.) *Ritmos do imaginário*. Recife: UFPE, 2005, p. 59-99

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*, São Paulo: Cia das letras, 1998. p.513-619.

YUNES, Elyana. Poesis. In: CARVALHO, Edgar de Assis & MENDONÇA, Terezinha (org.) *Ensaios de Complexidade 2*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 276-283.

---

### Sobre a autora

**Valéria Cristina Pereira da Silva**- Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> da Universidade Federal de Goiás, vinculada ao Instituto de Pesquisas Socioambientais IESA/UFG, onde desenvolve pesquisas ligadas aos temas: Imaginário da Cidade, Geografia e Literatura, Cultura, Sensibilidades Urbanas Contemporâneas e Pós-modernidade.

---

Recebido para avaliação em agosto de 2019  
Aprovado para publicação outubro de 2019